

Solução única na iluminação: busque o bom senso!

Por Gustavo Duarte Neves

Há alguns anos, tenho participado de feiras e congressos de iluminação, sejam eles nacionais ou internacionais – mesmo antes de terem se tornado quase que exclusivamente enormes eventos de divulgação de uma única fonte de luz: o LED.

Lembro-me ainda, isso lá em 2010, num fórum de iluminação, quando o Prof. Dr. Fernando Westphal iniciou uma de suas excelentes palestras com as imagens de modelos caminhando sobre a passarela, no mais recente desfile de moda daquele ano. Desfile de moda em um evento de iluminação? Muitos devem se lembrar

do impacto causado... Obviamente, o intuito era o de demonstrar que as roupas das modelos deviam apresentar a tendência da moda para a próxima estação e que, portanto, não deveriam ser concebidas e aplicadas de maneira direta, sem ajustes, por ser necessária a adaptação desta tendência para os costumes e comportamentos dos consumidores finais. De certa forma, a intensão era a de estimular os presentes, envolvidos no mercado da iluminação, para não conceber os novos produtos sem prévia análise apenas por se tratarem de tendência da moda, pois a adequação (e as consequências) ao usuário era – e sempre será – fundamental.

Para tornar esta tarefa (a da adaptação das fontes de luz adequadas) ainda mais árdua, o Prof. Dr. Mark Rea, em 2009, em sua apresentação no Brasil, nos lembrou de que o mercado da iluminação é, infelizmente, pobre em dados e rico em folclore, sugerindo que as informações de catálogos, muitas vezes obtidas em condições de laboratório, não deveriam ser simplesmente aceitas, sem indagação e comprovação técnica (e prática) junto aos fabricantes, principalmente para os infundáveis valores de tempo de vida útil de certas fontes de luz. Ou ainda, em 2010, quando o lighting designer Barry Hannaford surpreendeu a plateia durante sua palestra, quando interpretou que, em iluminação, economizar energia elétrica é manter as lâmpadas apagadas, já que muitas vezes se dispensa a iluminação natural



Divulgação

disponível ou então se enfatiza demais o baixo consumo de energia elétrica consumida pela fonte de luz, negligenciando a sua verdadeira capacidade de emissão de fluxo luminoso.

Conceitos bastante simples, que podem (e devem) ser analisados de maneira mais profunda: deve-se sempre considerar mais de um tipo de fonte de iluminação para cada aplicação, como ambos já nos indicavam em seus posicionamentos.

Por isso, a pesquisa e a busca por dados confiáveis não deve parar. Sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Scarazzato, neste ano, iniciei meu

Doutorado sobre a influência da exposição a diferentes fontes de luz e suas possíveis correlações com a resposta metabólica de seres humanos com o intuito de encontrar evidências de que diferentes fontes de luz podem ter (ou não) influência no ciclo circadiano de seres vivos, entre eles os humanos, o que por sua vez pode suscitar avanços não apenas na sua compreensão, como também na elaboração de diretrizes para projetos de iluminação que visem o conforto e a saúde dos usuários na realização de suas atividades sob diferentes fontes de luz (natural, fluorescentes tubulares, catodo frio e LEDs).

Ainda parece ser cedo para conhecermos todas as consequências do uso indiscriminado de apenas uma fonte de luz e, de certa forma, já confrontamos esta nova realidade, mesmo com diferentes lâmpadas elétricas ainda à disposição no mercado de iluminação. Talvez este fato também advirta que conceber por uma solução mais prática, rápida, desvie do uso da criatividade ou, ainda, negligencie outras oportunidades que satisfaçam o usuário final em suas necessidades, já que cada tipo de produto tem a sua aplicação e, portanto, não seria prudente buscar por uma solução única e, sim, sempre, pelo bom senso! ◀

Eng. Gustavo Duarte Neves

Doutorando de Arquitetura, Tecnologia e Cidade (FEC – Unicamp) e sócio proprietário da Ventana Lighting Solutions.